



FOTO: ACERVO CINEMATECA BRASILEIRA

## 20 ANOS DE UM CÉU DE ESTRELAS

**UM CÉU DE ESTRELAS** é meu primeiro longa-metragem. Filmado em 1996, foi considerado pela crítica um dos três filmes brasileiros mais importantes da década de 1990. A produção conta a história de Dalva (Leona Cavalli), uma cabeleireira do bairro da Mooca, São Paulo, que ganha, em um concurso, uma viagem a Miami. Ao aceitar o prêmio, ela decide romper o noivado com seu namorado, Victor (Paulo Vespúcio Garcia), se livrando de uma relação opressiva. No dia de sua partida, Victor invade a sua casa e faz dela e de sua mãe, reféns. Todo o filme é contado sob a ótica de Dalva. Embora o filme tenha mais de 20 anos, a história que ele conta, infelizmente, permanece atual: a violência contra as mulheres e as relações abusivas que as limitam e matam. *Um céu de estrelas* foi um dos marcos da chamada Retomada do cinema brasileiro, juntamente com filmes como *Carlota Joaquina, a princesa do Brasil*, de Carla Camurati, *Central do Brasil*, de Walter Salles,

*Baile perfumado*, de Lúcio Ferreira e Paulo Caldas, *Os matadores*, de Beto Brant, entre outros.

Entre 1990 e 1992, durante o governo de Fernando Collor de Mello, a produção brasileira havia sido praticamente interrompida. Os mecanismos de apoio à produção começaram a ser, pouco a pouco, reativados, mas, em 1996, ano de produção de *Um céu de estrelas*, foram lançados comercialmente em salas de cinema apenas 18 filmes. Em 2016, 20 anos depois, foram lançados 142 longas-metragens no país. Isto sem contar a produção televisiva contemporânea. *Um céu de estrelas* faz parte de um capítulo de nossa história no qual fazer filmes era um ato de resistência.

O filme teve uma carreira de sucesso, com estreia mundial no Festival de Toronto em setembro de 1996. Ramiro Puerta, o curador, escreveu um texto maravilhoso

apresentando o filme. A partir de Toronto, os convites se multiplicaram e o filme foi exibido nos mais importantes festivais internacionais: Berlim, Roterdã, Havana, Boston, dentre outros. No Brasil, estreou no Festival de Brasília, conquistando os prêmios de melhor direção, roteiro, edição de som e menção especial pelo Júri da Unesco.

Lançado nos cinemas em 1997, *Um céu de estrelas* foi produzido em película e suas cópias se encontram deterioradas. Apesar disso, é um dos filmes brasileiros mais baixados na internet, por meio de versões não oficiais, de baixa qualidade, tiradas de suportes que caíram em desuso, como VHS e fita Betacam. Imagino que algum – ou alguns fãs – do filme, inconformados com o seu desaparecimento, disponibilizaram-no na internet para que ele pudesse ser visto. Assim, o que quero é apresentá-lo com a melhor qualidade possível.

Para comemorar duas décadas de sua estreia, lançamos uma campanha de financiamento coletivo para digitalizar *Um céu de estrelas*, a partir de um interpositivo adequadamente armazenado e que se encontra em boas condições. Queremos exibir o filme nas novas plataformas digitais e, para isso, vamos produzir um arquivo digital que permitirá que todas e todos possam ter acesso ao longa-metragem. Quero que o filme continue vivo e comunicando com o seu público! Além disso, a campanha traz, também, outro significado: preservar a memória do cinema brasileiro, uma vez que os filmes que foram feitos antes da era digital encontram-se “escondidos” do público.

Não é possível falar em preservação da memória do cinema brasileiro sem falar da importância de se preservar os filmes feitos por mulheres, que já sofrem um sistemático apagamento na história e, conseqüentemente, na do cinema. Para citar um caso exemplar, a francesa Alice Guy-Blaché, a primeira mulher a fazer filmes narrativos no mundo, teve sua importância apagada da história e foi ofuscada pelos contemporâneos Irmãos Lumière e Georges Méliès. Apenas 350 de seus

filmes estão preservados, de uma produção de mais de 1.000. Apenas recentemente sua importância está sendo reconhecida.

No Brasil, as mulheres resistem bravamente ao apagamento. Nossas mulheres cineastas têm destaque na cena artística brasileira: Lúcia Murat, Anna Muylaert, Carla Camurati, Laís Bodanzky, Marina Person, Julia Rezende, entre muitas outras. Mas tantas outras cineastas estão caindo no esquecimento e não têm seus filmes preservados. Não por acaso, Adélia Sampaio, a primeira mulher negra a dirigir filmes de longa-metragem no Brasil, teve sua importância reconhecida apenas recentemente. Acredito que preservar *Um céu de estrelas* também é preservar a memória do cinema brasileiro e a de um cinema feito por mulheres, que trata de questões que nos tocam e importam até hoje, criando representações e referências do nosso universo.

Até hoje, não existem investimentos públicos ou privados para restauro e/ou digitalização de filmes, o que nos deixa de “mãos atadas” quando se fala em preservação da memória do nosso cinema. O financiamento coletivo é hoje uma possibilidade de proporcionar o acesso do público ao filme. A partir da sua digitalização, o filme poderá ser visto com qualidade nas TVs abertas e fechadas, e nas plataformas digitais disponíveis ou que venham a ser criadas. Poderá ser programado em mostras e festivais ou em sessões especiais.

A campanha de financiamento coletivo é fundamental, e ainda bem que existe essa possibilidade, mas é urgente a criação de uma política pública permanente de preservação da memória do cinema, restaurando e digitalizando filmes importantes que foram feitos antes da era digital, sejam longas ou curtas-metragens, de todos os gêneros.

**\*TATA AMARAL** é cineasta brasileira e diretora do longa *Um céu de estrelas*. Em 2017, realizou o longa *Sequestro relâmpago*.

**\*CARU ALVES DE SOUZA** é diretora, produtora e roteirista. É sócia de *Tata Amaral na Tangerina Entretenimento*, fundada em 2006.